

• 6 OUT 1966

Em defesa dos candidatos

Amigos me perguntam, eu próprio me pergunto: em quem votar? A dúvida generalizada, ao contrário do que maldosamente insinuam certas pessoas azedas que franzem o nariz ao comentarem o desfile de candidatos pela televisão, é absolutamente natural quando estamos ainda a quase dois meses do pleito e, principalmente, numa cidade que passou os primeiros 26 anos de sua existência castrada politicamente, sem voz.

Indecisão de eleitor é coisa comum. E assim e sempre foi assim. Sei disso, pois já vivi campanhas memoráveis no Rio, das quais a mais emocionante foi a de 1962.

Naquele ano se elegia o primeiro Governador da cidade/estado da Guanabara, além dos demais representantes legislativos. Depois de uns três meses de disputa feroz, ganhou Lacerda com uma diferença de menos de 20 mil votos sobre Sérgio Magalhães, algo parecido com 350 a 330 mil no placar final. E Tenório Cavalcanti, candidato que entrou ostensivamente para dividir os votos da esquerda, acabou passando dos 300 mil votos — que, em sua esmagadora maioria, iriam para Sérgio Magalhães...

Não tivesse havido Tenório, Sérgio ganharia, é evidente. E a história recente do Brasil seria muito outra. Talvez não chegássemos ao movimento militar de 64 e os rumos da política nacional teriam cores diferentes, num caminho nitidamente populista. E o Almirante Aragão não passaria pela dúvida de subir ou não subir a rua Farani...

Mas não era de resultados que eu queria falar, e sim de campanhas. Os mais jovens, que nunca viram uma de perto, estão saciando imensa curiosidade; os reactionários se declaram escandalizados com a sujeira que os candidatos estão fazendo em Brasília; os maduros, engajados na abertura democrática que vivemos, vibram e se integram na luta pela primeira representação política de Brasília. Não restam indiferentes ao alarido que toma conta da cidade, é o exercício da democracia em ação, finalmente!

Tenho acompanhado a trajetória e as angústias pessoais de muitos candidatos e lhe digo, caro leitor: são pessoas corajosas. Na verdade, uma campanha como essa exige esforço sobre-humano, muita saúde, enorme reserva espiritual para enfrentar difamações, a apatia de eleitores em potencial e calúnias divulgadas pela imprensa. O sujeito fica literalmente exposto à opinião pública, a muita inveja, tem a vida pessoal desnudada e esmiuçada, perde o sono e a paz. Pobre cidadão que come mal, que pouco dorme — quando dorme —, que deixa de estar com a família, que mendiga votos a todo ser vivo que encontra pela frente e ainda tem que levantar recursos junto a poderosos que lhe financiem a campanha alucinantemente cara. Os candidatos já estão uns caçacos, são figuras tensas e neutrotizadas pela ansiedade crescente que os assola.

Dirá você: mas ninguém é obrigado a ser candidato, que diabo. Por que o sujeito não fica quieto no seu canto, sem se envolver em política? Com certeza não será incomodado, ora bolas...

De fato, mas é compreensível o impulso daquele que, levado por amigos e admiradores quenelle identificam uma liderança e a esperança de um futuro melhor e o tornam seu candidato, e buscam a elegê-lo como seu representante, a sua voz no Parlamento. A pressão acaba tornando-se irresistível, há sempre uma grande faixa de idealismo nisso tudo e eis nosso amigo com o rosto colado nos pirulitos espalhados pela cidade.

O momento em que alguém aceita candidatar-se é certamente um divisor de águas em sua vida. A pessoa nunca mais será a mesma daí para frente, tal a carga emocional, o peso da responsabilidade e o próprio brio colocado em jogo. O processo eleitoral é um roldão, um torvelinho que arrebata todos os minutos, todos os segundos e o coloca à beira de exaustão, tamanho o envolvimento e o grau de exposição a que o candidato passa a submeter-se.

Nesta crônica não me deterei em nomes, isso fica para mais adiante. Aqui gostaria mesmo é de manifestar minha admiração por quem sobe num palanque e pede votos ao povão. Não importa que haja mal-intencionados, e certamente eles existem; mas vamos ser generosos e otimistas, vamos pensar grande e no bem de Brasília. Desses desassombrados é que surgirão os que nos representarão na Câmara e no Senado. Por uma mínima questão de bom senso e até de interesse pessoal — pois eles serão nossos delegados —, cabe conhecê-los para escolher bem no dia 15 de novembro.

E que a bancada eleita pela cidade, esses oito deputados e três senadores, lembrem-se de que sua missão no Parlamento federal não os fará tratar diretamente dos problemas de Brasília. Seus mandatos os colocarão diante dos grandes problemas constituintes e de âmbito nacional. Os temas de âmbito meramente local permanecerão reservados aos deputados estaduais e aos vereadores.

Por isso mesmo, acho que uma das principais missões de nossos representantes no Congresso é justamente propor a criação de uma Assembléia Legislativa e de Câmaras de Vereadores, nas cidades satélites e no Plano Piloto, com o que se completariam todos os graus legislativos de uma tão importante unidade da Federação. E, evidentemente, exigir a eleição direta para governador de Brasília, pois seria ridículo ter todo o universo legislativo eleito pelo povo e um governador nomeado.

Os candidatos se lembram de que não adianta nada — sob pena de cair na mais barata demagogia — ficar falando que, se eleitos vão lutar pelo calçamento das ruas de Ceilândia ou pelo melhor fornecimento d'água em Brazlândia, pois esses assuntos são paroquiais e, levados à tribuna do Congresso Federal, não merecerão o favor do ouvido de uma alma penada sequer.

Que nossos deputados e nossos senadores ajudem a elaborar uma excelente Constituição, que nela introduzam os bons ventos de Brasília. E que tenham esta eleição como o primeiro passo para a consolidação política e definitiva da capital brasileira.